



Educação infantil e a agroecologia: pela saúde das crianças e da Terra *Early Childhood Education and Agroecology: for the health of children and the Earth*

OLIVEIRA, Letícia Andrade Alves¹; BATISTA, Anabelle Camarotti de Lima²;

BARBOSA, Evelyn Jailane dos Santos³; BONIFÁCIO⁴, Cynthya de Avelar;

¹ Universidade Federal da Paraíba, leticiandradeoliv@gmail.com; ² Universidade Federal da Paraíba, bellecamarotti@gmail.com; ³ Universidade Federal da Paraíba, barbosa.e.j.santos@gmail.com; ⁴ Universidade Federal da Paraíba, cynthiaavelarbonifacio@gmail.com;

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Resumo: Neste projeto em uma escola particular em João Pessoa, Paraíba, foram desenvolvidas práticas pedagógicas agroecológicas voltadas para crianças de dois a seis anos. Buscou-se uma educação transformadora, reconhecendo a integridade do ser humano e sua conexão com o meio ambiente. As atividades adaptadas da literatura foram baseadas nas habilidades e necessidades de cada faixa etária, seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular. O objetivo foi despertar nas crianças o senso de pertencimento à natureza e responsabilidade em relação à vida, promovendo reflexões sobre consumo, produção e sustentabilidade. Os resultados foram positivos, observados no progresso das crianças nas interações e práticas ecológicas, além de outros aspectos do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: autoavaliação; metodologias ativas; autonomia infantil; atividades sensoriais.

Introdução

O presente trabalho nasce do anseio em criar um vínculo entre a educação infantil e a agroecologia, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu Artigo 26, regulamenta uma base nacional comum para a Educação Básica, e no movimento agroecológico que assim como a escolas, deve pensar para além dos espaços físicos, compreendendo também as relações interpessoais, reconhecendo a complexidade da vida, orgânica e dinâmica. Buscamos com isso estimular a autonomia infantil, resgatando a interação criança-natureza, com liberdade para brincar, permissão para experimentar com o corpo e os sentidos, apesar de entender que seres humanos também fazem parte da natureza. Entretanto, vem seguindo a lógica de separação, o que tem acarretado os incontáveis problemas socioambientais vivenciados atualmente. Dessa forma, pretendemos assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral. Visando assim, a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Para tanto, as atividades protagonistas (oficinas) foram realizadas em duas turmas de ensino integral existentes na escola. Elas foram distintas em Grupo I (G-I), caracterizado por 15 crianças de 2-3 anos; e Grupo II (G-II), com 10 crianças de 4-6



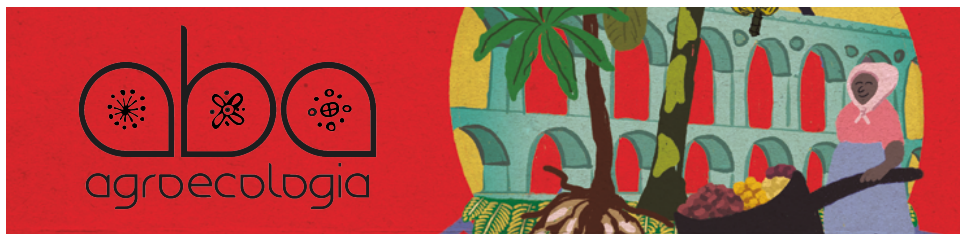
anos. As atividades foram pensadas conforme a divisão pedagógica que a escola já trabalhava e adequadas à faixa etária das educandas (os).

Metodologia

A pesquisa foi fundamentada na avaliação de campo, a qual permite coletar e analisar dados empíricos no local onde os mesmos ocorrem (LAKATOS; MARCONI, 2003). O campo foi a própria sala de aula e jardim da escola que, por muitas vezes, serviram de laboratório para a realização das atividades práticas. A análise dos resultados do processo de ensino aprendizagem foi feita através de uma metodologia qualitativa, realizada pela observação do desenvolvimento infantil, expresso em movimentos, falas, desenhos, interações sensoriais, como preconizado no plano pedagógico da escola campo, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI).

Todas as atividades (oficinas) foram pensadas em separado para os dois grupos (G-I e G-II), contudo, as mesmas se complementam por entendermos que os indivíduos interagem no mesmo espaço e compartilham experiências importantes. Antes de iniciarmos foram descritas algumas regras gerais de condução das atividades para os agentes educadores no intuito de favorecer a receptividade às oficinas pelas crianças (adaptado de BIAZOTI; ALMEIDA; TAVARES, 2017). São elas: Assegurar que todas as crianças estejam confortáveis com o seu corpo, espaço e o coletivo; Em todas as atividades os elementos deverão ser disponibilizados em quantidades suficientes para que todas as crianças possam experienciar a oficina. Sendo compartilhado em roda para um acolhimento mais dinâmico e democrático; No decorrer da atividade, cabe à equipe facilitadora determinar quanto tempo e em que momento os elementos serão disponibilizados, a depender do emocional e da interação do coletivo com a proposta. Ressaltando aqui a importância de acolher as crianças levando em consideração todas as suas especificidades individuais.

Sendo assim, as oficinas realizadas seguiram os temas previamente discutidos e planejados com a gestão escolar e estão de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de educação infantil e os DCNEIs (BRASIL 2017; BRASIL 2001). A fim de atender ao projeto político pedagógico da escola, que pauta o veganismo, todas as atividades levaram em consideração o respeito mútuo a todos os seres, fugindo do senso comum onde os animais não humanos são objetificados e desprovidos de direitos. Ao estimular uma observação cuidadosa e atenta, buscamos trazer a compreensão de como se estabelece a dinâmica entre as demais espécies e a importância da biodiversidade para a manutenção das vidas. Grupo I - Pontos a serem trabalhados ao longo das oficinas: cores (através de raízes in natura), texturas (através de frutas da estação), cheiros (através de ervas), formas (através elementos naturais coletados no espaço escolar) e sabores (através da culinária). Enquanto a vivência é realizada, a equipe facilitadora questionava como as crianças estão se sentindo, se reconhecem o sabor, o cheiro, a textura, se



o que está sendo utilizado já é conhecido por elas, etc. Trazendo a reflexão sobre o ciclo de determinado alimento e como ele chegou até nós.

Grupo II - Pontos a serem trabalhados ao longo das oficinas: solos (cuidados e manutenção da saúde do solo; cores do solo; a luta pela terra; geoterapia), águas (poluição e impacto para as populações; estados físicos; rio que temos X rio que queremos) e culturas (variedades e importância; dinâmica da diferença fortalece; agroecologia x agronegócio). Para esse grupo, a divisão das atividades se deu de forma diferente, pois as oficinas foram divididas em subtemas os quais foram trabalhados em dias diferentes. Por ter conteúdos mais complexos e as crianças possuírem mais maturidade para refletir e conseguir desenvolver ideias acerca do conhecimento construído coletivamente os temas citados foram adequados dessa forma. Todas as oficinas foram organizadas sem tempo definido para acabar. O tema ou subtema seguiram para o próximo à medida que os facilitadores pudessem observar uma compreensão satisfatória do tema em questão.

Resultados e Discussão

Sobre o Grupo I, ao longo dos 4 meses de atividades na escola foi possível observar como as crianças nessa faixa etária carecem de momentos naturais para reconhecer o mundo e se reconhecerem nele. Durante as oficinas elas vivenciaram o ciclo natural da vida entendendo e/ou sentindo como os elementos se transformam. Para realização das oficinas foi necessário criar espaços onde as crianças pudessem ser protagonistas de suas histórias, com saúde e segurança, crescendo e se desenvolvendo em contato direto com ambientes naturais, livres de venenos.

As crianças que já se comunicavam oralmente destacaram várias sensações enquanto vivenciavam as oficinas, como por exemplo a impressão de que o “umbu explode na boca” (oficina II); “a folha tem cheiro doce” (oficina III); “existem batatas de várias cores (oficina V). Mesmo as que se comunicavam de outras maneiras, através dos gestos, do olhar, das expressões, captadas pelas educadoras, mostraram entusiasmo e envolvimento com cada atividade proposta. Ao longo das oficinas as crianças foram estimuladas a usarem a criatividade com bastante autonomia. Dessa forma, pudemos perceber que, dia após dia, elas foram significando/ressignificando saberes e conhecimentos coletivos em seu repertório cognitivo.

Observando as turmas e as especificidades de cada componente, as oficinas se expandiram para além das propostas e tomaram rumos criativos onde as crianças se empoderaram e contribuíram umas com as outras numa dinâmica de troca e aprendizado, protagonizando cenas com espontaneidade e muita diversão. Este espaço seguro de aprendizagem é importante para que a criança possa ser um agente de construção em seu mundo, pois o processo social interage com a Natureza (TAMAIÓ, 2002). Nesse sentido, proporcionar nas escolas o encontro das



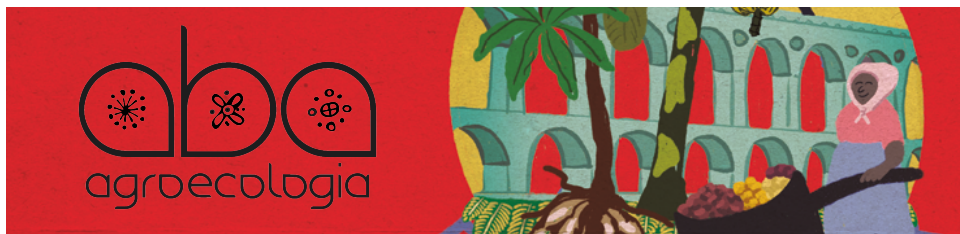
crianças com a Natureza, traz benefícios respaldados pela ciência, independente do contexto ao qual os indivíduos estão inseridos, pois é uma necessidade comum entre humanos (BARROS, 2018). Além de fortalecer a turma para trabalhar em equipe e desenvolver habilidades, instigando a curiosidade, a criatividade, a concentração e a maior disposição para aprender.

Ao final das oficinas, alcançamos os seguintes objetivos de aprendizagem e desenvolvimento segundo a BNCC (2017): respeitar acordos básicos de convívio coletivo nas interações e brincadeiras (toda as oficinas); movimentar-se no espaço, se norteando por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora, ao participar de brincadeiras e atividades (todas as oficinas); explorar e descrever conformidades e distinções entre as características e propriedades dos objetos (oficina de textura e de formas); observar, comunicar e descrever acontecimentos do cotidiano e fenômenos naturais (oficina de IV); compartilhar, com a turma, situações de cuidado de plantas e outros animais nos espaços da escola e para além dela (todas as oficinas).

Sobre o Grupo II, Muitas lembraram dos insetos encontrados pelos solos da escola e fizeram a conexão entre um solo vivo e um solo morto. Chegaram a conclusão coletiva de que a agroecologia é o melhor caminho, pois respeita as vidas e produz com qualidade. Essa percepção da importância do alimento saudável já foi descrita por diferentes autores (DUTRA, 2019; DA CONCEIÇÃO, 2022) e esse embasamento literário foi explicado de maneira sucinta para as crianças. Outra adição que foi feita ao conhecimento coletivo foi de que a alimentação está ligada diretamente à aprendizagem, pois uma criança bem nutrida, apresenta maior capacidade para aprender e desenvolver suas habilidades, contribuindo também para uma melhor concentração. Assim, o alimento indiretamente auxilia no rendimento escolar das educandas (ALVES, 2020).

No tema Água, a turma acompanhou uma história sobre como o desmatamento das florestas influencia no deslocamento das águas através dos “rios voadores”, e como esse acontecimento provoca o desequilíbrio mesmo em lugares distantes. Refletiram sobre a ação da água da chuva em diversos solos do espaço escolar (como ela interage com as pedras, a areia, as plantas, etc).

No tópico Culturas, a turma teve acesso a uma diversidade de sementes (milho crioulo, coentro, feijões, lentilha) e, a partir dessas foi feita uma explicação sobre as sementes, trabalhado a importância das diferenças e como essas nos fazem fortes. Por fim, atingimos os seguintes objetivos de aprendizagem e desenvolvimento segundo a BNCC (2017) para a faixa etária de 4 - 6 anos: Apresentação de interesse e respeito por diferentes culturas e estilos de vida por parte das crianças; desenvolvimento da coordenação motora para o atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas; Exposição de ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da comunicação oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão; Acompanhamento e relato de mudanças em diferentes materiais, derivadas de ações sobre eles, em



experimentos com fenômenos naturais e artificiais; Identificação e seleção de fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação; Esclarecimento de acontecimentos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

Conclusões

As oficinas voltadas para a educação ambiental e educação em saúde podem ser consideradas como um importante instrumento pedagógico que pode contribuir para a participação e mobilização social. Isso acontece quando ela contribui para o envolvimento de cada um e valoriza o conhecimento, as habilidades pessoais e coletivas capazes de contribuir para promoção do desenvolvimento local sustentável voltado para o bem-estar, melhoria da qualidade de vida e a felicidade de todos. Onde as pessoas que se veem responsáveis e capazes de provocar e construir mudanças, podem se articular socialmente e se movimentarem, é uma escolha e um ato de liberdade (Toro e Werneck, 2004). Com a conclusão de nosso trabalho podemos afirmar que todas as dinâmicas aqui realizadas tinham a intenção de educar e, nesse sentido, entendemos como Sousa e Cadete (2017) que descrevem que o educar vai muito mais além de questões cognitivas, mas sim de ensinar e incentivar os sujeitos a se relacionarem com o mundo, auxiliando-os a compreender sua realidade.

Referências bibliográficas

- ALVES, G. M.; DE OLIVEIRA CUNHA, T. C. A importância da alimentação saudável para o desenvolvimento humano. *Humanas Sociais & Aplicadas*, v. 10, n. 27, p. 46-62, 2020.
- BIAZOTI, A.; ALMEIDA, N.; TAVARES, P. *Caderno de Metodologias: Inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico*. 1 ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, 2010.
- CONCEIÇÃO, E. M. S. M. et al. Hábitos alimentares saudáveis na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 1, p. 1781-1800, 2022.
- DUTRA, G.; MALAGOLI, L. A construção de um hábito alimentar saudável desde a educação infantil. *Revista gepesvida*, v. 5, n. 10, 2019.



MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

SOUZA, A. A.; CADETE, M. M. M. O papel das famílias e da escola na formação de hábitos alimentares saudáveis de crianças escolares. Revista Pedagógica, v. 19, n. 40, p. 136-154, 2017.

TAMAIÓ, I. O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental. São Paulo: Annablume, 2002.

TORO, B.; WERNECK, N.D. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica; 2004.